



Cultura: matéria prima de Educação e de Desenvolvimento¹

Tião Rocha²

Todo e qualquer ser humano tem cultura.

Esta é uma das poucas "verdades absolutas" da Antropologia. Apesar desta afirmação parecer óbvia, não é, pois há muita gente ainda, que pensa que alguns seres humanos não têm cultura. Outros acreditam que só eles a possuem. Uma minoria crê, firmemente, que sua cultura é superior a dos outros. Por isso, eles se julgam melhores. Talvez, devido à essa idéia, uma grande maioria acostumou-se (ou foi acostumada) a pensar que não tem cultura alguma.

Um dos maiores pecados cometidos pela mesma Antropologia foi fazer as pessoas acreditarem, por muito tempo, que havia homens superiores a outros, pelo simples fato de nascerem em lugares diferentes ou viverem de maneiras diferentes. Aí o conceito de cultura passou a ser a justificativa "científica" da imposição do modelo branco, capitalista, cristão, e europeu como "superior" a todos os demais. Aquele desenho ilustrativo da teoria evolutiva da espécie humana, segundo Charles Darwin, presente em todos os livros de ciências, história ou geografia usados pelos estudantes em todas as escolas brasileiras,

¹ *Este texto foi elaborado para servir de subsídio e reflexão conceitual e, ambiciosamente, instrumento de trabalho.*

² *Tião Rocha é antropólogo (por formação acadêmica), educador popular (por opção política) e folclorista (por necessidade pessoal). É fundador e presidente do CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, Minas Gerais.*

públicas e privadas, é uma demonstração da presença ainda dos valores evolucionistas³

Outro equívoco que rodeia a idéia de cultura e que, infelizmente, a Antropologia não ajuda resolver, é quanto ao uso variado e de pouca utilidade que se faz do conceito de cultura (parece “bom-bril”, tem mil e uma utilidades).

As instituições, em geral, são mestres em desqualificar suas próprias definições. Pensam cultura como algo grande, amplo, abrangente e universalizador e a praticam de forma pequena, residual, excludente e corporativa⁴

Decorrente do uso indiscriminado ou interesseiro da palavra cultura, ela foi perdendo sua substância e significado, tornando-se uma expressão esvaziada.⁵ É muito comum se ouvir “este é um problema cultural”, quando alguém quer se referir a algo que não sabe bem o que seja ou quando é uma questão de difícil solução, ou quando não se quer definir nada. Por todas essas razões, fica claro que a verdade antropológica – “todo e qualquer ser humano tem cultura” - aparentemente óbvia, não é.

Desta forma, as “questões culturais” dentro de uma escola ou de uma comunidade, tanto servem para indicar um “problema” ou “justificar” a não aprendizagem dos alunos ou a falta de participação das pessoas na associação de bairro, ou outra coisa qualquer.

Foi essa fluidez conceitual que nos obrigou, enquanto profissionais que trabalhamos com cultura e tentam fazer dela instrumento de sua ação pedagógica e institucional, a limpar a palavra de suas impurezas ideológicas, (tais como

³ *Um dos nossos maiores desejos é um dia encontrar um professor que, semelhante ao professor do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, mande arrancar a página contendo a ilustração da teoria darwiniana pelos desserviços por ela prestados, como ele mandou fazer com a página contendo a definição de poesia.*

⁴ *Em geral as definições de cultura variam do extremamente amplo (“cultura é tudo aquilo que o homem acrescenta à natureza” ou “cultura é toda maneira de pensar, agir e sentir dos homens”, etc) ao extremamente específico (“cultura é música” ou “cultura é erudição”, etc).*

⁵ *A Constituição Brasileira de 1988 introduziu no Capítulo referente à Cultura a seguinte pérola: garantia dos “direitos culturais” do cidadão. Quais são os nossos “direitos culturais”? Deveria haver também “deveres culturais”? E quando os nossos “direitos culturais” (que não sabemos quais) são desrespeitados, devemos recorrer a quem?...*

“superioridade cultural”, “cultura = erudição”, etc) e, em contra-partida, construir um novo conceito que fosse ao mesmo tempo, operacional, mensurável, observável e cientificamente correto.

Para iniciar esta construção fomos buscar outra contribuição na Antropologia e da qual ela pode-se orgulhar: *em toda e qualquer comunidade humana* (e não é presunção, é em toda mesmo!) *existem e interagem diversos componentes substantivos* (que nós denominamos “indicadores sociais”) *que podem ser identificados, medidos e observados* que, quando interagem entre si, constroem a cultura do grupo humano que aí vive. Acreditamos nós.

São sete (7) estes indicadores e eles são o ponto de partida para a construção do nosso modelo.

Podemos encontrar estes indicadores sociais tanto entre os grupos ágrafos quanto entre os povos ditos “civilizados” ⁶. Tanto entre as tribos haussás da África, quanto entre os índios Kreenakarore do Brasil. Podemos encontrá-los também em qualquer outra comunidade – rica ou pobre, urbana ou rural - seja do Vale do Jequitinhonha/MG, quanto de Nova York, de Londres ou de Pequim.

Qualquer um dos sete (7) *indicadores sociais* pode ser (e é) objeto de análise e estudo independente de qualquer outro, no entanto ele só se torna um *indicador cultural* quando estabelece contato com outros indicadores, produzindo um novo desenho, uma teia de relações, novas tramas e padrões de convivência, gerando novos valores ou sendo influenciado pelos valores universais presentes nesta comunidade.

A próxima etapa da nossa tarefa seria, como perceber a presença deste desenho no dia-a-dia de nosso trabalho. A perspectiva desenvolvida por Gilbert Ryle deu-nos a orientação metodológica de que necessitávamos⁷. O paralelo

⁶ Esta separação é unicamente do ponto de vista de histórico. Enquanto os ágrafos (“sem grafia, sem escrita”) não têm uma história baseada em documentos escritos, os povos civilizados (“com escrita”) têm na escrita a base para construção de sua documentação e comprovação histórica.

Esta separação não autoriza ninguém a dizer que os povos civilizados têm mais cultura que os povos ágrafos, por exemplo.

⁷ A cultura, este desenho, trama ou padrão dinâmico e interrelacional, é comparada por Gilbert Ryle (in *The Concept of Mind*), como “piscadelas”(que é o ato de piscar os olhos). Citado por Clifford Geertz no “A Interpretação das Culturas”, Zahar Editores, RJ, 1978

“cultura – piscadela” pode ser assim explicado: todas as pessoas piscam os olhos. Fazem isso inconsciente e naturalmente. Ninguém se dá conta que pisca, muito ou pouco. (Aliás, cremos nós, pode ser sinal de maluquice completa encontrar alguém que conte quantas piscadelas deu durante um dia, por exemplo). Assim como todos nós piscamos, mas não pensamos nisso, com a nossa cultura também é assim. Todos a vivem sem se dar conta que seja ou não cultura. Ela se produz socialmente, mas acontece, naturalmente. Flui, semelhante às piscadelas. A cultura é algo humano, social, público, visível, perceptível, notório, mas microscópico.

Se todavia há piscadelas e “piscadelas” (algumas são macroscópicas, como o olhar de uma criança que não fez o dever de casa diante de sua professora, ou aquela, fatal, que um homem lança em direção de uma mulher (ou vice-versa) carregada de intencionalidade e desejo, o que pode gerar aproximação, se houver outra piscadela igual como resposta, ou um “pé de briga” entre casais, por exemplo). Em relação à cultura, podemos dentro de uma macro-trama, perceber micro-desenhos simbólicos e repletos de significantes, como nas festas populares e de rua ou nos “rituais da ordem”⁸ que simbolizam e mantem o sistema político.

E é neste mar de “piscadelas”, micro e macroscópicas (simbólicas, ritualistas, intencionais, coerentes ou não, etc) que navegamos (aprendemos, construímos, interpretamos, etc) durante nossa vida.

Se estamos de acordo com esta abordagem, pensamos que o maior desafio, tanto para os educadores, os cientistas sociais quanto (deveria ser) para quem pensa (e planeja) desenvolvimento de comunidade, é diferenciar piscadelas de piscadelas. “Cultura” e culturas.

A seguir fazemos alguns comentários sobre cada um dos indicadores sociais presentes em qualquer grupo social:

1) as formas organizativas (são os laços de parentesco, as diversas instituições permanentes, temporárias ou ocasionais de convivência, os grupos de interesse, o compadrio, as turmas, etc).

⁸ Roberto DaMatta, in “O que faz o Brasil Brasil?”, Editora Brasiliense, SP, 1990.

Neste rol podemos listar uma infinidade delas: a família, a vizinhança, os amigos, a turma do chope, o grupo de oração, os companheiros de futebol, o pessoal do pagode, as comadres da esquina, os meninos da pelada, os jogadores de truco, as meninas das brincadeiras de boneca, etc, etc.

Este indicador tem sido um importante instrumento de observação e pesquisa dos processos e ritmos de desenvolvimento sustentado, local ou regional; Ele é uma peça fundamental na construção do moderno conceito de “capital social”.⁹

A nossa experiência pessoal e institucional, nesta área, também nos autoriza afirmar que naquelas localidades onde não há oferta de formas organizativas em quantidade e por isso poucas oportunidades de participação e de protagonismo são geradas, o tempo de resposta aos problemas é muito lento. O tempo de rotinas aumenta e o tempo de desejos e desafios decresce. O imobilismo social se acentua enormemente (*“Quando surge um crepúsculo avermelhado, os bezouros pensam que é incêndio”*, segundo o poeta Manoel de Barros). E esta lentidão de respostas é observada na falta de vontade e ambição das pessoas, principalmente dos jovens, na baixa estima social da coletividade, no comodismo e atraso em relação à outras comunidades.

Por essa ótica, podemos entender porque a maioria das jovens solteiras em várias cidades da região do “sertão das gerais”/MG, quando chegam aos 18 ou 19 anos, começam a ficar “desesperadas” porque ainda não se casaram e não têm filhos, *“porque já passaram da época”*, explicam. É que na percepção delas já fizeram tudo o que tinham que fazer. O tempo de juventude e de sonho já se

⁹ Os estudos desenvolvidos pela Universidade de Harward (EUA) sobre o grau de desenvolvimento das cidades italianas na década de 70, a partir do amplo e acelerado processo de descentralização e de municipalização ocorrido naquele país, demonstram que quanto mais espaços e/ou oportunidades de convivência social (formas organizativas) forem oferecidos aos habitantes de uma dada comunidade, mais formas e possibilidades de participação estarão sendo geradas, ampliando os espaços e momentos de protagonismo social e acúmulo de capital social. E isto se dá numa relação diretamente proporcional: (+oportunidades de informação e +vivências μ +participação e +protagonismo μ +capital social), pilar de sustentação de desenvolvimento. E o acúmulo de capital social numa comunidade qualquer é determinante, não só para enfrentar velhos problemas, mas, e principalmente, para dar respostas mais rápidas e mais eficientes para os novos desafios, de qualquer natureza.

realizaram. Se olharmos as comunidades onde vivem estas jovens, podemos entender esta lógica. Elas vivem em cidades que não têm cinema, grupo de teatro, biblioteca, locadora de vídeos, grupos de jovens, coral ou banca de jornais. Não acontece nada nos fins de semana e muito menos nos meios de semana. As pessoas nascem, crescem, vivem e morrem dentro de um “locus” que não vai muito além do trajeto da própria casa para a escola de 1º (ou 2º grau quando existe) ou de algum emprego rotineiro. O mundo que entra na vida destas jovens, entra pela tela da TV ou pelas ondas do rádio, por isso a maioria tem no próprio aparelho de TV (ou de rádio) o seu instrumento de formação de “capital social”, ou seja, há um crescente processo de terceirização do desejo, da não-participação e do não-protagonismo.

2) as formas do fazer (são todas as respostas e soluções dos homens dadas às múltiplas necessidades humanas.)

Conforme o tipo de resposta, ela pode ser classificada como um fazer tecnológico, científico, artístico, literário, etc. Há uma tese bastante difundida entre os cientistas sociais que defende a idéia que “o homem desenvolveu sua inteligência, a partir do uso das mãos”. O “homo faber” teria sido o antecessor e a causa do “homo sapiens”.

Verdade ou não, sabe-se que o homem sempre foi um ser de necessidades. E foi satisfazendo-as que ele acumulou experiências, aprendeu a selecionar as respostas mais eficazes e assim, construir um acervo patrimonial de conhecimentos.

Uma resposta bem sucedida a uma necessidade de qualquer natureza (material, espiritual ou social) significa incorporação de um resultado. Todas as vezes que a mesma necessidade surgir, utiliza-se a mesma resposta. Foi assim que surgiu o “uso”. O uso de caráter pessoal passa a ser um “hábito” ao tornar-se público e de domínio de um grupo maior. A prática de um hábito permanentemente por uma coletividade cria o “costume”, uma das marcas identificadoras de um grupo. A permanência deste costume através dos tempos, passando de pai para filho e de filho para neto, cria a “tradição”, elemento identificador e marca registrada do fazer e do saber fazer de uma comunidade ou de um povo determinado.

Este processo de acumulações sucessivas, sistemáticas e sempre atualizadas (porque contemporâneas), constitui a base angular da produção e a constituição do conhecimento, seja de cunho científico (porque usa métodos de estudo e análise específicos para a compreensão de variados objetos), seja de caráter tecnológico (porque produz materiais, soluções e técnicas que facilitam e melhoram a vida humana), seja de essência artística (porque atende aos valores estéticos, sentimentais e não tangíveis da humanidade, através de várias formas de expressão: música, teatro, poesia, pintura, etc). Todas estas soluções, nós as denominamos, no atacado, de “formas de fazer”. Se quisermos, no varejo, podemos dissecá-las em suas especificidades, científicas, tecnológicas, artísticas, etc¹⁰

3) os sistemas de decisão (refere-se ao político, a autoridade, a liderança, os poderes de decisão – macro e micro - institucionais e não institucionalizados, etc.)

Em todo grupo social, os sistemas de decisão aparecem ostensiva (como nos caso das lideranças políticas, jurídicas, militares, etc) ou subliminarmente, como por exemplo, no ambiente familiar, onde, parece, que pai e mãe têm poderes de decisão específicos, como se fosse da natureza do ser pai ou do ser mãe estes poderes. Por outro lado, se observamos uma roda de garotos brincando, ali também se exercem em vários momentos, distintas formas e sistemas de decisão, desde o democrático ao mais autoritário.

4) as relações de produção (é o econômico, o trabalho, a sobrevivência, etc.)

Este indicador refere-se às forças produtivas – *quem produz o que e para quem* – existentes dentro de um grupo social. Podemos observar este indicador nas formas convencionais de relações de produção e de trabalho, assalariadas ou formais, assim como em todas as esferas da rede produtiva e reprodutiva de bens e serviços, remunerados ou não.

¹⁰ O CPCD vem há 17 anos acumulando um acervo de tecnologias populares, de baixo custo e de fácil construção, adaptadas e apropriadas, adequadas às necessidades locais – familiares e comunitárias– em meios rurais e periféricos urbanos, através de várias “fabriquetas”. Todas elas partiram do que denominamos a “pedagogia do sabão”. Já são mais de 1.500 tecnologias catalogadas.

5) o meio ambiente (trata-se do contexto, do entorno, do ecológico, etc.)

O homem é produtor e produto, processo e resultado do meio onde vive. O clima e a altitude, a floresta e o mar, o rio e o cerrado, a seca e a poluição, o trânsito engarrafado e o fim de tarde na praia, são como molduras que incluem e influenciam as relações humanas em ritmo, intensidade e formas comportamentais. Considerar o meio ambiente como um indicador social, significa compreendê-lo além de sua face meramente física e natural, mas como um elemento substantivo na constituição das relações e processos humanos que serão o pano de fundo sobre o qual se construirá o desenho cultural de uma comunidade.

6) a memória (é o passado, a origem, o anterior, etc.)

Todo grupo social tem uma resposta para explicar o “de onde viemos”. Todos nós recebemos ao nascer uma carga de informações sobre o nosso passado recente e/ou remoto, guardado pela história ou conservado pelo inconsciente coletivo ou pela tradição. Essa carga nós a transportamos conosco, durante toda nossa vida. E ela vai sendo acrescida constantemente de mais informações, idéias, sonhos, lembranças, saudades, desejos, “coisas e cousas”. A memória de um grupo social se expressa através de seus rituais da ordem e da desordem, sacros e profanos, todos eles elementos simbólicos mantenedores e perpetuadores dos vínculos e das matrizes geradoras desta comunidade.

7) a visão de mundo (é o religioso, o filosófico, o depois, o futuro, o sonho, etc.)

Não há pessoa (ou povo) que não pense no amanhã ou que não imagine o “para onde vamos”. Nem que seja para afirmar “vamos prá lugar nenhum”.

É movido pela idéia do porvir que o homem investe seu tempo e suas energias para apreender, dominar, transformar e se apropriar do mundo à sua volta. Nem que muitas vezes ele o estrague e o piore.

Por outro lado, é interessante perceber que entre a memória e a visão de mundo há uma linha que aproxima estes dois indicadores sociais. Esta ligação é a base da “teoria do estilingue” (também conhecido como “bodoque” ou “atiradeira”, um instrumento muito apreciado pela meninada quando tem uma vidraça disponível). Todo mundo sabe utilizar um estilingue: se queremos atingir

um ponto muito distante devemos esticar o máximo a goma ou borracha do estilingue.

Esta é a base para a teoria: quanto mais pudermos voltar no nosso passado e na nossa memória (esticando a borracha), mais longe poderemos chegar (atirar nossa pedra) em nossa visão de mundo. Manter a borracha esticada na medida certa, sem se romper, significa estabelecer “links” e passagens de força, equilíbrio e coerência entre o passado e o futuro.

Se todo ser humano tem um indicador social chamado memória e outro chamado visão de mundo, se todo grupo é capaz de se explicar (“de onde viemos”) e é capaz de prever ou imaginar (“para onde vamos”), isto não significa que ele saiba manejar adequadamente o seu estilingue. Um risco para o qual deve-se ter muito cuidado é para não esticar a borracha além do que ela pode resistir, pois pode romper-se, e aí o cidadão fica preso no passado, “conversando lá no século XVIII”. Ou melhor: quando as pessoas (ou um grupo social) não conseguem fazer uma leitura de seu passado, ligando-o de forma coerente ao seu presente, dando-lhe diretrizes e visão de mundo, elas não conseguem construir uma perspectiva de futuro de seu próprio mundo.

Pode-se perceber o peso significativo que este indicador tem na construção de um padrão cultural naquelas comunidades sem expectativa de mudança, sem desejo do novo e do diferente. Em muitas das comunidades onde trabalhamos, a visão de mundo dos grupos sociais é dominado pela terceirização do futuro (transferida para as mãos de governos, políticos, etc), pelo imobilismo e pela espera da “providência divina”.

Em toda e qualquer comunidade humana, podemos identificar estes indicadores. E, mais do que isso, podemos perceber que eles não são estáticos, fechados em si mesmo, mas são intercomunicantes e possuidores de intensa capilaridade, semelhante aos vasos e artérias do corpo humano.

Todos estes sete (7) componentes são extremamente dinâmicos, por isso interagem entre si. Por causa desta interação tornaram-se interdependentes – debatem-se, contrapoem-se, complementam-se, etc - formando uma *rede de relações* (uma trama, um desenho, um padrão) que é condicionante e condicionada pelo *corpo de valores universais* (todas as “...ades”: generosidade, lealdade, bondade, desonestidade, arbitrariedade, solidariedade, dignidade,

ruindades, etc. e todos os “...ismos”: modismo, ideologismo, machismo, messianismo, egoísmo, etc, somados à um montão de outros valores: a violência, o afeto, o respeito, o amor, a ternura, os preconceitos, a alegria, o prazer, etc) presentes em todas as sociedades humanas. Usando o exemplo do corpo humano, podemos considerar o *corpo de valores* como o sangue que irriga e perpassa por todas as veias e por todos os órgãos e partes do corpo, alimentando e sendo alimentado por ele.

A partir destes indicadores e suas interfaces, construímos o “nosso” modelo de *Cultura*: esta *rede* e *trama* de relações, processos e suas interações, que forma um *padrão* ou um *desenho*, definidor da identidade da comunidade ou grupo social. (Veja a figura 01)

A partir desse conceito palpável e operacional, podemos pensar em *processo cultural* como a interação e as dinâmicas do padrão ou desenho. E podemos definir o *indicador cultural* como cada elemento resultante da rede de relações e processos que forma o desenho.

Se estamos de acordo com este raciocínio, podemos pensar, por exemplo que a *cultura local* será um desenho envolvendo e interagindo todos os indicadores e valores locais; a *cultura regional* será um desenho que deve conter necessariamente todos os desenhos correspondentes às culturas locais e suas interações; a *cultura nacional*, por sua vez, será um desenho que deve conter obrigatoriamente todos os desenhos correspondentes às culturas regionais e suas interações.

Com esse enfoque, podemos, por exemplo, definir que um “projeto de desenvolvimento” (de qualquer natureza) é uma ação-intervenção planejada no desenho cultural (e suas relações) de uma determinada comunidade local, regional ou nacional

Consequentemente, se pensarmos, por exemplo, no planejamento de um desenho cultural brasileiro - seja local, regional ou nacional - que constitui o cerne das propostas e políticas de desenvolvimento, deveria ter como característica e ênfase a *heterogeneidade* e a *diversidade culturais*, que de fato constituem a marca de nossa nacionalidade, o caráter de nosso país e sua verdade histórica.

Passando do nível macro (nacional) para o nível micro (local), temos que considerar que estas diversidades e heterogeneidades se manifestam como

piscadelas imperceptíveis ou substanciais, no âmbito da escola, da família e da comunidade.

Percebê-las em seus microcosmos – escola, família e comunidade - torna-se uma das tarefas dos educadores. Canalizá-las com o objetivo de construções pedagógicas que favoreçam novos processos de apropriação de conhecimentos, geradores de oportunidades-e-de-opções, pode ser o principal trabalho da Escola.

Assim sendo, não podemos cair na armadilha, por exemplo, de admitir como *democratização da cultura brasileira* (ou *realização de um projeto nacional de desenvolvimento*, por exemplo) um maior acesso dos diferentes grupos sociais espalhados por este país aos bens de uma dada cultura (ou um único desenho), porque isto a homogenizaria e a uniformizaria, desfigurando-a. Por outro lado, perderíamos o caráter de nação brasileira, porque estimularíamos o desenvolvimento (educacional, social e econômico, por exemplo) de um único desenho, o que não corresponde ao nosso processo histórico.

Sendo a *educação* o principal gerador de oportunidades para o desenvolvimento social e econômico de um país (cfe. Indicadores de Desenvolvimento Humano – IDH, ONU/1990), a *política educacional brasileira* não poderia estar desvinculada dessa premissa básica (a *heterogeneidade*) e, obrigatoriamente, deveria ter na *diversidade de desenhos culturais* da nossa sociedade a alternativa e o ponto de partida para a realização do pleno e integral desenvolvimento da nação brasileira.

A idéia de “pensar global e agir localmente”, cremos nós, contempla os princípios defendidos acima.

Só considerando a educação como plural (“nossa”) e pluralista (“universal”), cuja matéria prima de ação pedagógica seja a cultura, poderemos universalizá-la e, assim, caracterizá-la no singular, como brasileira.

Se estamos de acordo com as premissas anteriores, podemos aceitar também que “toda e qualquer forma de conhecimento” será sempre uma leitura, uma interpretação e um aprendizado, parcial e relativo, da cultura.

O conhecimento científico (sistemático e sistematizado, resultante da aplicação de métodos específicos para cada ciência), ou o conhecimento não-formal (empírico, não-sistematizado, resultante da vivência e do senso comum), um e outro, são e serão sempre relativos e parciais. Nenhum melhor ou pior do

que o outro. Antagônicos muitas vezes, complementares outras, não opostos necessariamente, auto-suficientes nunca. Ambos importantes porque permitem e possibilitam uma compreensão mais profunda e mais rica do ser e da cultura humana. (Veja a figura 02).

E esta é, cremos nós, a finalidade da cultura, ser instrumento eficaz do conhecimento, possibilitando leituras mais densas, mais ricas, mais abrangentes e mais humanas da nossa “travessia”, tangendo com perícia a canoa da vida em direção à “terceira margem”, nesta busca permanente e vocação natural, para ser feliz.

Figura 1

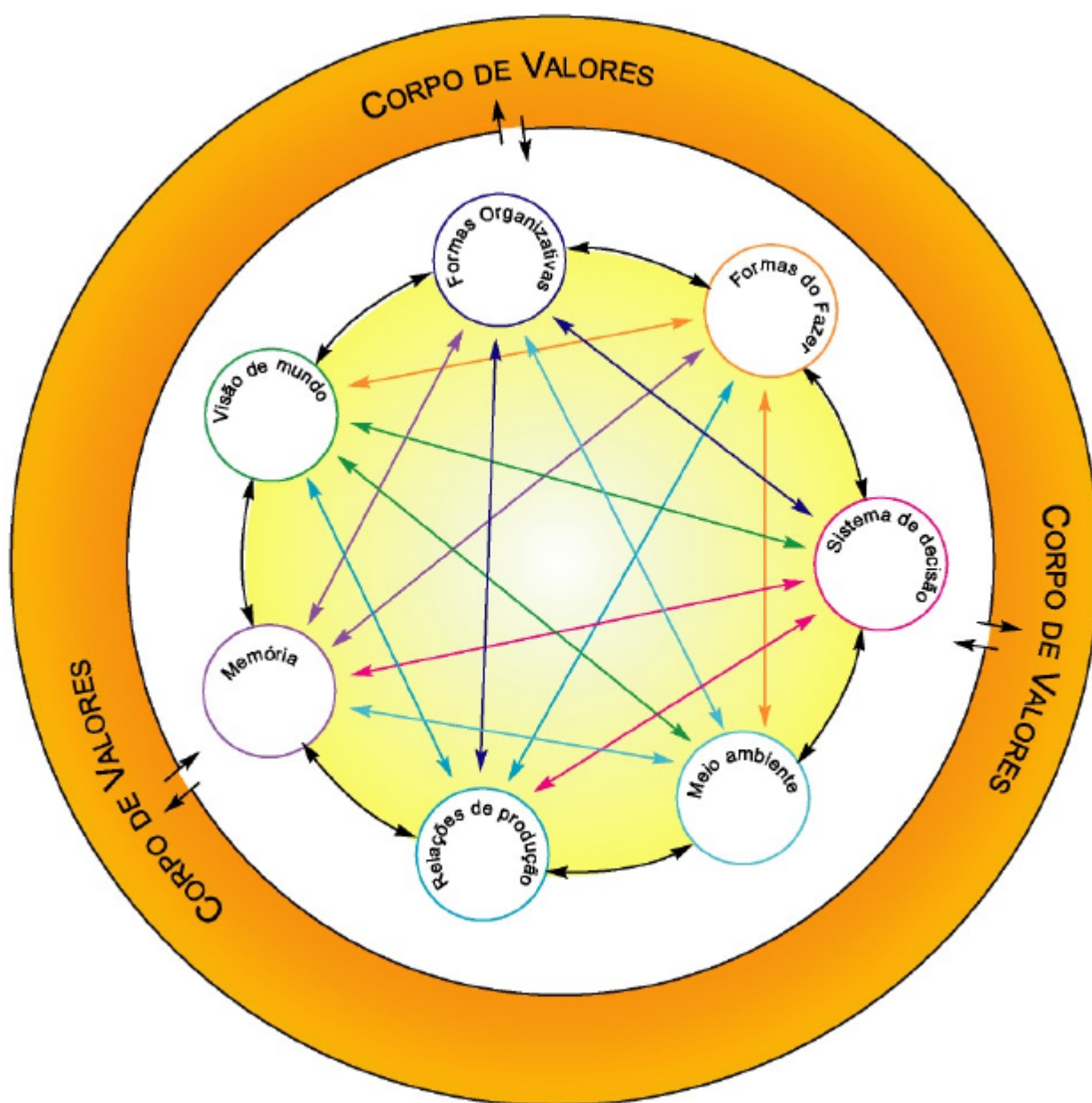


Figura 2

